



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

9 | 2011

Ponto Urbe 9

Lazer nos Pimentas: estudo sobre as formas de apropriação dos espaços públicos em um bairro “periférico”

Fernanda C. Matos



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1816>

DOI: 10.4000/pontourbe.1816

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Fernanda C. Matos, « Lazer nos Pimentas: estudo sobre as formas de apropriação dos espaços públicos em um bairro “periférico” », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 31 dezembro 2011, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1816> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1816

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

Lazer nos Pimentas: estudo sobre as formas de apropriação dos espaços públicos em um bairro “periférico”

Fernanda C. Matos

Introdução

- 1 Este projeto teve início a partir da participação no projeto de extensão “Pimentas nos olhos não é refresco”, no qual consiste em uma oficina fotográfica oferecida aos jovens da região. A partir da análise das imagens produzidas por essa juventude acerca do que representa a região por eles habitada, bem como a experiência de viver no Bairro dos Pimentas desde meus doze anos de idade, trouxeram-me questionamentos acerca da ocupação do tempo livre da juventude presente no espaço urbano. Ainda mais pelo fato do Pimentas ser considerado um bairro “periférico” da cidade de Guarulhos, onde costumeiramente se pensa que a periferia é marcada por ausências: como falta de estrutura habitacional, de saneamento básico, ou nesse caso, da ausência de equipamentos de lazer.
- 2 Entretanto, é preciso ir além do discurso imediato do “não tem nada”, aliás, ele mesmo aponta certos paradoxos, pois por um lado mostra a precariedade e ausência de infraestrutura urbana que é enfrentada nos bairros pobres, mas por outro lado acaba desvalorizando as estratégias de vida construídas por seus habitantes. É preciso problematizar essas narrativas e visões estereotipadas dos bairros periféricos, afinal será mesmo que não existe “coisa pra fazer”? E como vivem os moradores do Pimentas, de casa para o trabalho e do trabalho para casa apenas? (Sá. 18:2010)
- 3 Neste sentido o tema lazer, assim como os temas relacionados à política e ao trabalho, por exemplo, podem nos fornecer um pouco mais sobre a dimensão social desses jovens com o mundo que vivem e o que desejariam viver. Aqui, tratarei em específico dos bailes funks como atividades privilegiadas da juventude do bairro dos Pimentas.

- 4 A região dos Pimentas é a mais populosa da cidade de Guarulhos, cerca de 400 mil pessoas. Esta cidade é a segunda maior do Estado e é a segunda cidade mais populosa de São Paulo e a décima segunda do Brasil. É a maior cidade não-capital e a oitava economia do país, com uma população de 1299.283, segundo o Censo de 2009. É neste contexto que se encontra a região dos Pimentas.
- 5 Guarulhos é dividido em 46 Distritos e o Pimentas é um deles, que por sinal é o mais populoso, entretanto não existe um Bairro com este nome, trata-se de uma região administrativa que engloba diversos Bairros. Contudo, o Pimentas é tido como uma unidade nos discursos populares, principalmente quando é preciso se situar na cidade. (Sá, 8:2009)
- 6 Esta região é entendida pelos moradores como todos os Bairros que se localizam do “lado de cá” da Rodovia Presidente Dutra. Entretanto, há nesta região outros Bairros como, por exemplo, o Itaim, mas que para os habitantes desse local é considerado Pimentas, ou seja, a região pode ser compreendida como uma invenção cotidiana carregada de trocas simbólicas a partir das experiências vividas.
- 7 Como a região do Pimentas é muito extensa foi necessário fazer um recorte metodológico para realizar a pesquisa. Iniciei, mapeando os lugares do bairro nos quais ocorrem a partir das falas de alguns moradores as práticas juvenis de lazer “fora de casa”. Meu foco eram três Bairros que integram o Pimentas, nomeados Jardim Brasil, Parque Jurema e Marcos Freire. No entanto, ao longo do trabalho de campo, as redes que construí para conhecer as práticas juvenis de lazer – no caso o funk – me levaram a conhecer outros lugares nos Pimentas.
- 8 O trabalho de campo teve início em um dos bairros que integra a região dos Pimentas, o Jardim Brasil, bairro em que resido. Logo, em seguida, passei a observar o Parque Jurema, uma região mais próxima ao campus da UNIFESP, e que vem mudando rapidamente seu espaço urbano, cada dia surge um novo estabelecimento comercial, como bares, lanchonetes e restaurantes. Neste local, a uma grande movimentação de jovens, e explicarei mais adiante como se dá toda a relação. Por fim, o Marcos Freire, local onde há apropriação constante de uma praça central pelos jovens, sendo cada um dos usos que se faz do lugar, uma diversificação a partir da atividade praticada por eles.
- 9 Buscava ali compreender nas redes de sociabilidade as relações de identidades e alteridades construídas no local, a partir das apropriações dos espaços públicos feitos pelos jovens dos diferentes bairros que compõem a região dos Pimentas. Durante, minha busca encontrei grupos de evangélicos e católicos, grupos de Hip e Hop, grupos que se reúnem todos os fins de semana para jogar futebol, outros que se reúnem no shopping, nos bares da Avenida Jurema (importante Avenida do Parque Jurema), nas lajes ou nos portões de suas casas. No entanto, o que mais me chamou a atenção foram os grupos de jovens funqueiros.
- 10 Quando voltava da faculdade em uma sexta-feira à noite, por volta das 23h, passava pela Avenida Guaraniaçu, localizada no Jardim Brasil, próximo a minha casa, quando vi uma movimentação diferente. Neste dia, pude observar um grande movimento de carros com alguns nomes das chamadas esquipes e alguns comerciantes ambulantes se aproximando do local. Segundo relatos de algumas pessoas que estavam dentro do ônibus aquela movimentação era a preparação para um “baile funk”. Fui caminhando até em casa e imaginando como aquele local era apropriado pelos jovens a partir de uma perspectiva de lazer e entretenimento. Naquela noite, não consegui dormir, pois as

- músicas estavam tão altas que dava para escutar da minha casa. Era um “mundo” que eu sempre ouvi falar, pois sou moradora do bairro, mas nunca vivenciei.
- 11 A movimentação dos moradores pelo bairro é intensa no fim de semana, seja na feira livre, nos supermercados, nos bares ou sentados nas calçadas. A cada rua escuta-se um som diferente, um funk, um pagode, entre outros estilos musicais. Quando os jovens se aglomeram nas ruas, onde deveriam os carros ter passagem, o sentido que se atribui ao seu uso se ressignifica. As ruas ganham outro status agora com os carros de sons das equipes do baile. A partir daquele dia comecei a prestar a atenção em como o funk estava presente no cotidiano de alguns jovens no bairro. No ônibus, algumas vezes, os encontrei com o celular ouvindo funk. Outros se preparavam em suas próprias casas tocando as músicas. Até quando realizei o estágio para a licenciatura nas escolas públicas da região percebi o quanto o ritmo está presente, seja durante o intervalo ou nas próprias salas de aula.
 - 12 Assim, mesmo morando no mesmo bairro, não sou ouvinte de funk, tampouco sou integrada às redes de sociabilidade desenvolvida entre os grupos pesquisados. Até o momento do início da pesquisa, minhas percepções acerca dos “funqueiros” acarretavam ideias preconceituosas e até mesmo desrespeitosas com a prática juvenil. No entanto, compreender o que envolve essas manifestações é também pensar em troca e em experiência, ou seja, para mim a sociabilidade desenvolvida naquele meio seria um desafio. Neste sentido, a sociabilidade como um processo de interação das ações cotidianas, é uma ação importante para as relações sociais, a troca de experiências, ideias e gostos, e os bailes do bairro estudado mostram como o cenário urbano é muito mais que um agrupamento de edificações, pois re-significam o espaço das Avenidas que ganham novas dinâmicas durante a noite.
 - 13 Adentrar neste mundo tão próximo de um morador da periferia como é o meu caso, que aparentemente parece simples, não foi uma tarefa fácil. Ser moradora do bairro e em alguns casos ser reconhecida pelas pessoas nos bailes, às vezes gerava um pouco de desconforto no campo. Pois, o interesse deles parecia ser maior em saber o que eu fazia por lá, em vez de me deixarem perceber como se davam as relações de sociabilidade no campo. Talvez por ter sempre criticado tal evento, acabei despertando a curiosidade de algumas pessoas. Nada foi fácil, pois explicações sempre me foram solicitadas devido a minha presença. No entanto, quando levei minha máquina fotográfica, parece-me que uma porta foi aberta. Mesmo sendo questionada em alguns momentos pelo uso dela, sempre com alguns olhares desconfiados em minha volta, os jovens me solicitavam pra tirar fotos deles, virei a fotógrafa dos bailes, possibilitando pensar as práticas dos bailes funks a partir de outra linguagem: a imagem. Deste modo, iniciei outra parte do projeto a partir da realização de um ensaio fotográfico sobre o evento.
 - 14 A pesquisa de campo esteve vinculada a ensaios fotográficos, na perspectiva de que as imagens podem possibilitar a criação de vínculos com os interlocutores e como forma de reflexão sobre como o espaço urbano se torna espaço de sociabilidade. Com a máquina fotográfica na mão, pude ter acesso, a “várias rodinhas” de amigos das quais tive dificuldade no início da pesquisa. Pude conhecer um pouco mais do que acompanhar somente “do outro lado” da rua. Assim, fotografando os grupos, o baile, as pessoas nas calçadas, dançando e cantando, passei a conhecer um pouco mais do mundo desses jovens a partir da perspectiva do lazer.

Que juventude é essa?

- 15 Antes de apresentar um pouco dos grupos que compõem os bailes funks é preciso pensar a própria noção de juventude afinal, além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere. A noção mais geral e usual do termo refere-se a uma faixa de idade que intermedeia a infância e o mundo adulto, etapa em que não se é mais criança, mas que se prepara para o mundo das responsabilidades, isto é, do adulto. Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo ou intelectual, a adolescência caracteriza-se pela aparição de profundas mudanças qualitativas na estrutura do pensamento.
- 16 Todavia, devemos compreender que essa é uma categoria construída socialmente e como nos inspira a pensar Dayrell (2002), ela ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais instintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc) de gênero e, até mesmo, geográficas, dentre outros aspectos. Enquanto etapa de transição, a juventude combina inúmeras tensões entre as quais uma é privilegiada nesse trabalho. Trata-se da dicotomia entre casa/família X rua/amigos. Como na nossa sociedade essa transição não é precisa, nem claramente demarcada, ao contrário de outras sociedades que adotam rituais para simbolizar essa “etapa”, o jovem acaba ganhando uma conotação ambígua marcada principalmente pela negatividade. É vista como etapa difícil e conturbada, de rebeldia, individualização, crises e tensões.
- 17 Nesse sentido é preciso repensar essa categoria de juventude à medida que há uma série de elementos que ajudam a caracterizar essa etapa da vida. Outra categoria interessante para pensar essas questões é empreendida por Juarez Dayrell, trata-se da condição juvenil. Essa categoria é utilizada na medida em que um jovem da zona rural não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade. Assim como Dayrell nos sugere a condição juvenil é mais que a maneira de ser ou situação de alguém perante a vida, ela também refere-se as circunstâncias necessárias para que se verifique sua inserção no mundo. Dessa maneira precisamos distinguir duas dimensões imersas nessa idéia, a de que o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, ou seja, como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Portanto, a idade se transforma conforme se modifica o jeito de estar no mundo dos sujeitos. Essa transição pode ainda ser compreendida como um movimento e que permite inúmeras possibilidades e experimentações. Isso também, se dá pela pluralidade de juventudes e de condições juvenis e a “não-linearidade” das transições à vida adulta revela que já não há uma causa/efeito dessas transições.
- 18 A música aparece como um elemento importante das culturas juvenis provocando encontros nos quais os jovens criam espaços de sociabilidade que se transformam em territórios culturalmente expressivos de suas identidades. Para Dayrell muitos jovens encontram nas manifestações ligadas à música uma maneira de responder às questões enfrentadas cotidianamente. Sem oportunidade de trabalho e insatisfeitos com a escola que não consegue entender nem responder as demandas que lhes são colocados, os jovens parecem assumir o fato de que não são capazes de produzir grandes projetos de

transformação, e que sua ação genuína só pode ser a de assumir a perplexidade, denunciar o presente e submeter à prova os projetos existentes.

O funk no Brasil

- 19 O funk surgiu no Brasil em meados dos anos 1970 na cidade do Rio de Janeiro, influenciado pelo ritmo soul, que nos EUA era a expressão cultural do movimento negro americano que lutava pelo reconhecimento de sua cidadania. Os primeiros bailes ocorreram na casa de espetáculo Canecão (zona sul da cidade carioca) e depois mudaram-se para a Zona Norte. Esses encontros chegavam a reunir mais de 10 mil jovens e algumas empresas colocavam um sistema de som gigantesco conhecidos como “equipes”. Essas “equipes” tinham nomes como “Revolução da Mente”, “Soul Grand Prix” e “Black Power”. (VIANNA: 1988).
- 20 A Black Rio, na qual a Soul Grand Prix foi uma das suas precursora, foi um momento significativo para o orgulho de ser negro e os bailes tinham um papel significativo, pois enquanto o público estava dançando, eram projetados slides com cenas de filmes que discutem essa temática, além de retratos de músicos e esportistas negros nacionais ou internacionais. Todavia, no final dos anos 70 o movimento funk vivenciava um desprestígio entre seus ouvintes, o que levou a realização dos bailes aos terrenos baldios e espaços públicos. Contudo, sua força numérica teve impactos no mercado de consumo musical, ganhando novamente espaços nas estações de rádio, mas incorporando novos elementos musicais. Com essas novas influências, entre os anos 80, houve uma “redescoberta” dos bailes funk na cidade do Rio de Janeiro que repercutiu nas várias matérias publicadas em jornais e revistas e no reaparecimento do funk na rádio FM tropical (VIANNA: 1988).
- 21 As Equipes eram as responsáveis pela organização e sonorização dos bailes. Constituídas por vários sócios, elas possuem diversas funções como: transporte, montagem das caixas de som, amplificadores, toca- discos e luzes, contratação de técnico de som e outros detalhes que fazem com que o baile aconteça. Em algumas equipes o DJ era um dos sócios, em outras vezes era contratado para tocar exclusivamente nas festas da contratante.
- 22 Porém, como observou Hermano Vianna em sua dissertação de mestrado defendida em 86, o importante para as equipes era impressionar os dançarinos com suas luzes e amplificadores sofisticados como prova de toda sua “potência”. Além de disputarem a melhor aparelhagem, as equipes também competiam para conseguir em primeira mão os sucessos, que em sua maioria eram importados de Nova York. No decorrer dos anos 90, os bailes funk cariocas tornaram-se, gradativamente, uma das principais formas de lazer dos jovens pobres da Cidade. Constituindo um privilegiado espaço de trocas, consagração e expressão do movimento Funk, pois é nele que se manifestam os mecanismos de inclusão e exclusão, estabelecendo os laços sociais e as disputas; ou seja, é no baile que se concretiza a adesão (ou não) ao movimento (Rodrigues, 2005: 24).
- 23 Todavia, o funk nos dias atuais ganhou uma conotação erótica diferentemente das canções que questionava as desigualdades sociais e buscava retratar a realidade das favelas cariocas, os bailes foram se complexificando e as Equipes passaram também a compor e fazer suas próprias batidas e assim ganharam os espaços da mídia e muitas

ficaram famosas como a Furacão 2000 e essa divulgação alargou as fronteiras do funk para outras localidades como Guarulhos, cidade onde desenvolvo esse estudo.

Estruturação dos bailes

- 24 O “baile” é formado por várias “Equipes de Som” que se apropriam dos equipamentos urbanos do bairro para realizar bailes funk aos fins de semana se reúnem em um determinado local, sejam ruas residenciais, praças e avenidas do bairro. No Pimentas existem várias Equipes e cada grupo tem seus símbolos e “estilo” próprio, vestimentas, músicas e nomes curiosos como “Sinistrados, PodePakas, SOS, Os Brisadinhos, As Bonitas e etc.” elas competem entre si o título simbólico de melhor Equipe, isto é, que faz a melhor festa e demarcam seus espaços como ruas e praças que ficam famosas pelos eventos. Dessa forma, os eventos protagonizados por esses jovens são interessantes para pensar alguns aspectos da condição juvenil que experimentam longe dos olhos dos pais (família/casa), mas entre seus pares (amigos/ruas) nos quais seus encontros ao mesmo tempo em que reforçam laços de identidades dos grupos, inscrevem signos de pertencimentos diferenciados ao espaço urbano.
- 25 Durante a realização desse trabalho analisei algumas Equipes e as festas funk, também chamadas de bailes. Os “bailes” observados ocorrem, algumas vezes, na Avenida Guaraniaçu, - digo algumas vezes, pois devido ao incômodo dos vizinhos, com o “barulho”, eles são obrigados a trocar de local no bairro para que não fiquem “visados” pela polícia. Motivo pelo qual precisei ampliar os locais de observação da pesquisa, pois os bailes não são fixos, eles circulam por diversos bairros, interagindo e agregando diferentes jovens. Durante o dia concentra-se no centro comercial do Jardim Leblon, próximo ao Jardim Brasil já que a maior parte da avenida é constituída por comércios, os quais encerram suas atividades entre oito e nove horas da noite.
- 26 Aos poucos, depois do expediente, a Avenida ganha uma nova dinâmica e tem o seu uso re-significado e transforma-se em cenário privilegiado do baile funk. Esses encontros ocorrem aos fins de semana e sua divulgação se dá pelo famoso “boca a boca” raramente se vê cartazes e divulgação mais massiva na medida em que o conhecimento do evento por parte da polícia poderia acarretar em um confronto direto entre os jovens e os representantes da “ordem”. Quem apenas passa pelos arredores da festa não compreende o que está acontecendo, pois compartilham significados distintos daquele acontecimento. Os mais velhos apenas vêem carros com aparelhagem de som sofisticada, parados na rua, o som muito alto tarde da noite, com dezenas de jovens reunidos se divertindo “noite a fora”. Esse descompasso de compreensão de significados de lazer entre os jovens de “dentro do baile” e os outros “de fora do baile” causam preconceitos e conflitos entre os moradores.
- 27 E quando comentei em casa que estava interessada em visitar um baile funk logo fui advertida, pela minha irmã, “aquilo não é lugar para você”, “você não vai gostar” afinal, segundo muitos moradores, esse não é um ambiente para “meninas estudiosas”, mas é frequentado por “vagabundas” e “maloqueiros”, entre outras conotações negativas. O baile só tem início quando diminui a movimentação de veículos automotivos na Avenida por volta de meia-noite, posteriormente um dos membros da Equipe para o seu carro abre a parte traseira e aumenta o volume do som, as pessoas começam a chegar e formar turminhas. Os motoqueiros também fazem um show à parte, pois exibem os roncos barulhentos dos motores pela rua e notamos também que alguns

garotos passam repetidas vezes de carro pela rua a fim de exibir seu automóvel e quem sabe, assim, conquistar alguma garota, como comentou um dos frequentadores do “baile”.

- 28 A noite vai passando, os jovens dançam, compram bebidas alcoólicas no comércio local que fica aberto para atender a freguesia e paqueram integrantes de outras “rodinhas”. As músicas, são repetidas várias vezes, e uma delas nos chamou atenção depois soubemos que chama-se Novinha de Mc Martinho.

“Novinha vê se não mexe comigo
que meu estilo é neurótico o
que corre em minha veias é sangue bandido
é por isso que eu digo novinha
não mexe comigo não”

- 29 Essa mesma Avenida foi cenário de diversas equipes, dando, cada vez mais, visibilidade aos encontros. Por um lado, isso pode ser considerado um elemento positivo, pois tornou-se ponto de encontro e de identidade dos bailes, mas paralelamente foi incomodando ainda mais a vizinhança, pois cada Equipe buscava surpreender o “público” com sons mais inovadores, de última geração e com o volume ainda mais elevado.
- 30 As Equipes são constituídas por jovens que querem “curtir” e fazer as outras pessoas “curtirem” o estilo musical, mas são também formadas por jovens envolvidos com o mundo da criminalidade, o que nesse contexto é visto como positivo, pois aciona códigos simbólicos e relações de poder, no qual essas pessoas são respeitadas e possuem um status entre os grupos, são invejados pelos equipamentos de última geração, pelos carros e são os que mais “pegam” as mulheres mais “gostosas” do baile, conforme nos falou um dos frequentadores.
- 31 Meus interlocutores e “porta de acesso” para as festas promovidas pelas Equipes foram Juleide e João¹, os dois são primos e frequentadores dos bailes funk realizados no bairro. Fui apresentada por eles aos grupos e Equipe observada, imediatamente fui questionada pela minha presença no local, já que não sei dançar funk, não estava vestida com roupas justas ou decotada e na medida em que comecei ainda a conversar com os frequentadores e perguntei sobre o baile, levantaram-se suspeitas sobre a minha conduta. Essa foi uma dificuldade que tive que enfrentar e desconstruir, mas não foi fácil, era a “outra” no pedaço e pior, algumas vezes vista como agente do governo ou dos policiais que estavam se infiltrando no baile para repressão posterior.
- 32 Em outras festas promovidas pela mesma Equipe, notei que as músicas se repetem e na maioria dos casos são repletas de conotações eróticas e outras chamadas de “proibições”. As músicas referem-se ao tráfico de drogas e aos grupos que o controla. Essas músicas são cantadas sem nenhum constrangimento e mesmo as músicas com letras que vulgarizam a mulher também são ouvidas sem causar incômodo entre as garotas. Ao questionar as meninas do grupo de amigas da Juleide, sobre isso, elas disseram que essas canções afluam a sexualidade feminina e não viam negatividade nisso. Quando, enfim, comecei a construir laços com os jovens dos bailes, como fotógrafa do evento, os moradores das residências próximas passaram a denunciar os abusos do som e coincidentemente presenciamos o desfecho de uma dessas denúncias, na qual a polícia chegou e acabou com a festa, na verdade com esse baile, pois as Equipes se reorganizam e escolhem outras ruas para darem continuidade aos eventos que promovem. Alguns jovens contaram que eles já passaram pelas Praças do Parque Stela, do Parque das Nações e do Marcos Freire.
- 33 Esse conflito é por um lado causado pelo som alto e o incômodo que de fato causa, mas por outro é também um conflito geracional, no qual os jovens são estigmatizados pelos

moradores mais antigos que não reconhecem os bailes como espaço de sociabilidade, mas como desordem e criminalidade. Acabam, portanto, reduzindo essas festas que apesar de envolver relações com o mundo do crime e a sexualidade, não podem ser vistas apenas por esse ângulo.

Breves conclusões

- 34 No bairro, pude evidenciar várias formas de apropriação dos espaços públicos como as ruas e as praças, quando aos domingos se tornam áreas de lazer para os moradores. Ao caminhar pelo bairro, logo se vê pessoas sentadas na calçada conversando, e ao mesmo tempo observando crianças brincarem na rua, como também, rapazes jogando bola e até mesmo empinando pipa. Grupos de meninas conversando. As praças por sua vez, viram grandes extensões de bares, onde as mesas são colocadas na praça e ou também quando este espaço da rua, à noite, é usado para realizar festas funks. Em um primeiro momento, durante as conversas e entrevistas notei que nas falas de meus interlocutores que o termo “vila” era utilizado para falar sobre o local em que moram ou para se referirem a pessoas que moram no bairro. “Aquele cara é da minha vila!” Muitas vezes me perguntavam, “Você é da vila”?
- 35 Um dos interlocutores, ao ser questionado sobre o uso do termo, tentou me explicar. “Aqui no baile, ninguém mexe com os caras lá da vila não!”. Constituem, entre si, códigos simbólicos de identidade e pertencimento, no qual determinam ações dos sujeitos em determinados locais. Essas diferenças de “bairros” são fundamentais, pois a partir do termo “vila”, encontram-se fluxos de identidades e alteridades construídas pelos jovens no baile e, sobretudo no bairro. É importante destacar, como nos inspira a pensar Juarez Dayrell, que o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil (DAYRELL: 2002).
- 36 Neste sentido, e o motivo no qual utilizo o termo periferia com aspas é questionar como nos apresenta Hermano Vianna, quem realmente está na periferia? Já que o comercio está repleto de cds de funk, em todos os lugares, no centro, na periferia e em alguns casos até fora do país. Inventado e cultivado por moradores de regiões consideradas carentes e marginalizadas, pouco se ouve em rádios ou programas de televisão. O sucesso sai das periferias e alcança o centro. Segundo Hermano Vianna (2006) o centro é excluído da festa e quando passa a se apropriar, se transforma a periferia da periferia. Além disso, os bailes funks nas ruas dos Pimentas demonstram que o cenário urbano é muito mais que um agrupamento de edificações, pois eles ressignificam o espaço da rua, da praça ou da avenida que ganham uma nova dinâmica durante a noite.
- 37 Os bailes são uma forma de lazer protagonizada por jovens moradores da periferia que vão aos bailes para trocar experiências, ideias, afinidades, encontrarem amigos e quem sabe futuros “ficantes” e namorados. São em alguns casos, a ocupação do tempo livre, para os jovens que desde cedo se inserem no mundo do trabalho e um espaço que dota de um sentido específico a vida nos bairros periféricos marcados, sobretudo pela “ausência”.

BIBLIOGRAPHY

ARAÚJO, Fábio Salgado. "Espaços de resistência da juventude pobre: os bailes funks na cidade do Rio de Janeiro" Disponível em www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1056. Acesso 30/11/2010.

BARBOSA, Andréa e CUNHA, Edgar Teodoro. Antropologia e imagem. São Paulo: Zahar, 2006.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002

..... Juventude e produção cultural na periferia de Belo Horizonte. 2002.
Disponível em <http://www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/textos/ARTIGO%20GODOY.pdf>. Acesso em 10/09/2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no Pedaco. São Paulo: editora Hucitec, 2003.

..... Os circuitos dos jovens urbanos. São Paulo: Revista Tempo Social, v. 17, n. 2, p. 173-2^o5. Nov. 2005.

..... Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

..... "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana." Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

SÁ, Bárbara Cristina. Pimentas e suas imagens: Estudo sobre a construção vivida e simbólica do espaço urbano de um Bairro "periférico" da cidade de Guarulhos. Relatório de Iniciação Científica. Fapesp, 2009.

VIANNA, Hermano. O mundo funk carioca. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

..... "Paradas do Sucesso Periférico" IN: Sexta Feira, São Paulo: Editora 34, v. p. 19-29, 2006.

NOTES

1. Utilizo nomes fictícios para os interlocutores.

AUTHOR

FERNANDA C. MATOS

A luna de Ciências Sociais – UNIFESP